

Periodicidade: Semanal Quinzenal Encontro único (Tópico Especial)
 Data de início da disciplina: 13/09/2017
 Data de encerramento da disciplina: 29/11/2017

Linha de pesquisa: Clínica, Subjwetividade e Política

Código da disciplina (para uso da Secretaria):

- Disciplina
 Seminário
 Leitura Dirigida
 Tópico Especial

Título: Arquivo e Testemunho XI: Lendo Imagens e a experiência do Olhar.

Sub-Título:

Professor/a Responsável: Tania Mara Galli Fonseca

Professor/a Colaborador/a: Cláudia Luiza Caimi / Instituto de Letras/UFRGS

DISCIPLINA RESTRITA:

- Somente Orientandos

DISCIPLINA ABERTA PARA:

- Alunos Regulares do Programa e de outros Programas de Pós-Graduação da UFRGS
 Alunos PEC

HORÁRIO DA DISCIPLINA:

Dia da semana: 4ª feira

Horário: 10 às 12h

VAGAS:

Alunos regulares e outros PPGs da

UFRGS: 15

PEC: 10

C/H:

CRÉDITOS:

Súmula/ementa:

Este seminário faz parte dos estudos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa Corpo, Arte e Clínica nos modos de trabalhar e subjetivar que atua junto ao Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP). Composto o décimo primeiro da série Arquivo e Testemunho foi planejado visando problematizar os conceitos de Leitura, Imagem e Olhar como experiência a partir de autores como Walter Benjamin, Georges Didi-Huberman, Gilles Deleuze, Roland Barthes, Alberto Manguel, Martine Joly, Emmanuel Alloa, Donis A. Dondis, dentre outros. O programa deste curso procede de ressonâncias com os referenciais que vêm nos ocupando, sendo que a emergência principal desta edição de 2017.2 concentra-se na problemática da Leitura da Imagem, tendo em vista destacar o problema do Olhar como experiência. Busca-se um percurso teórico-crítico que possibilite demonstrar que a imagem constitui-se a partir de uma economia paradoxal de sentido, em uma tríplice aliança com o simbólico, com o semiótico e com o discursivo, encontrando-se situada em um dado espaço-tempo.

Como nos diz Merleau-Ponty, “Não se olha a imagem como se olha um objeto. Olha-se segundo a imagem” e nada parece menos seguro do que o ser da imagem. Superfícies pensativas, as imagens aspiram o movimento do olho, forçando-o a procurar a origem de sua intranquilidade. No espaço entre a imagem e o olhar que ela provoca, “uma atmosfera pensativa se forma, um meio pensativo”, nos diz Alloa (2015, pg.9). E esta “pensatividade” só desenvolve realmente sua força de subversão quando não realça mais o sujeito representado, mas quando se difunde e afeta tudo o que a cerca. Ler imagens e apreender a sua “pensatividade” implica inevitavelmente a ruína de todo o recentramento, uma vez que ela se expõe, na

operação de leitura, como seu fora; mostra-se com o que ela carrega para fora de si, força-se a se expor ao que ela não pode ainda pensar e ao que há, talvez, de mais difícil de pensar, ou seja, que o pensamento emerge mesmo de uma pensatividade sensível, de um sensível impensado porque inesgotável em sua exterioridade. Com Didi-Huberman, pode-se constatar que um tom de certeza reina a propósito das imagens, não apenas entre usuários profanos mas ainda de maneira mais forte entre os especialistas. Tal posição apenas vem mascarar a experiência de uma imagem que nos interpela. Não se trata, pois, de reduzir todo o conhecimento a um reconhecimento, uma vez que diante da imagem, não se pode assegurar e mesmo contentar-se em ver apenas aquilo que nos é lisível e visível, pois isto nos levaria a “encerrar muito rápido sua capacidade de provocar, de abrir um pensamento” (Didi-Huberman, 1998, p.10).

As diversas utilizações do termo “imagem” lembram-nos, como nos mostra Martine Joly (2012, p. 27), “o deus Proteu: parece que a imagem pode ser tudo e seu contrário – visual e material, fabricada e ‘natural’, real e virtual, móvel e imóvel, sagrada e profana, antiga e contemporânea, vinculada à vida e à morte, analógica, comparativa, convencional, expressiva, comunicativa, construtora e destrutiva, benéfica e ameaçadora”. Sua proteiformidade, entretanto, não impede sua compreensão e exige pelo menos um mínimo de esforço de análise. Desde muito pequenos aprendemos a ler imagens ao mesmo tempo em que aprendemos a falar. Nosso intento refere-se, portanto, à produção de uma “quebra” nesta tendência que a “naturalidade” da aparente visibilidade das imagens implica. Gostaríamos, junto aos nossos autores, de erguer, portanto, algumas suspeitas a respeito do que nos parece tão obviamente evidente. Frente ao desejo de virmos complexificar o problema da Leitura de Imagens imediatamente nos vemos lançados à questão de que “interpretar uma mensagem, analisá-la, não consiste certamente em tentar encontrar ao máximo a mensagem preexistente, mas em compreender o que essa mensagem, nessas circunstâncias, provoca de significações aqui e agora, ao mesmo tempo que se tenta separar o que é pessoal do coletivo. De fato, são necessários limites e pontos de referência para uma análise” (Martine Joly, 2012, p. 44) . Será possível ir buscar esses pontos de referência para obtermos uma leitura da imagem não centralizada em nós, como receptores, e tampouco centralizada no seu autor, como o produtor? A imagem está diante de nós, nos posiciona como receptores mas não nos livra da necessidade de estudá-la em termos do histórico e do afetivo que ela carrega. Gostaríamos, como já afirmamos, de produzir acesso e visibilização de seu Fora, espaço que enlaça tempos e corpos por vezes diacrônicos, o do autor e do receptor, o de suas épocas e espaços díspares, mas unidos pelas ressonâncias de uma ideia que persiste e insiste nos temas da humanidade. Trata-se de abordar “O que vemos e o que nos olha”, como relação que focaliza o Olhar como um árduo trabalho do espírito em busca de decifrações e interpretações, rompendo com o paradigma das evidências fáceis que marcam o bom senso, o senso comum e as representações. Não cabe acreditar que a análise da imagem “mata” o prazer estético e bloqueia a espontaneidade da recepção da obra. Sabe-se que todo o trabalho de análise nunca é feito de forma imediata e tampouco espontânea e, ainda, que sua prática pode, a posteriori, potencializar o prazer estético, aguçando o sentido da observação e do olhar, aumentando os conhecimentos que passam a fazer parte da experiência tanto do sujeito observador quanto de seu meio social. Encaramos a leitura de imagens como uma função pedagógica que nos leva a considerar que a imagem é um fato de linguagem que, em suas características específicas e heterogêneas, distingue-se do mundo real corriqueiro. A imagem expressa-se por signos que pedem por interpretações e estes devem vir a ser identificados e decifrados no que contraem.

A respeito da relação entre imagem e palavra, Godard nos mostra que se completam, que uma precisa da outra para funcionar. Diz-nos Godard: “Palavra e imagem são como cadeira e mesa: se você quiser se sentar à mesa, precisa de ambas”. Assim, nosso problema a pensar implica em acolher e proliferar relações entre linguagem verbal e imagem, operar uma ancoragem entre imagem e texto, como nos aponta Barthes, que possibilita uma interpretação que excede a imagem, desencadeia palavras e discurso, partindo da imagem que é seu suporte, mas que simultaneamente dela se desprende. As imagens engendram palavras que engendram imagens em um movimento de *mis en abyme* que nutre a imaginação e a ficcionalização. Sonho e ficção se fazem presentes na leitura de imagens. A leitura que interroga as forças latentes e manifestas da imagem atravessa, pois, os textos e muda-os e os textos, atravessados por ela, transformam-na. Assim, nos diz Martine Joly (2012, pg. 133) “quer

queiramos, quer não, as palavras e as imagens revezam-se, interagem, completam-se e esclarecem-se com uma energia revitalizante. Longe de excluir, as palavras e imagens nutrem-se e exaltam-se umas às outras. Correndo o risco de paradoxo, podemos dizer que quanto mais se trabalha sobre as imagens mais se gosta das palavras”. Ce que nous voyons, ce qui nous regarde, (O que vemos, o que nos olha) refere-se ao imbróglgio relevante ao nosso atual programa de estudos. O paradigma das visualidades, das legibilidades e das figurabilidades em devir se faz presente em nosso impulso de nomear o OLHAR como EXPERIÊNCIA. Acreditamos, com os nossos autores, que há um sujeito receptor que é portador de sensibilidades inconscientes a partir das quais capta o que o olha naquilo que vê. Captação quase como coação, já que se faz sensível às forças do esquecimento que se impregnam junto às da memória. É deste campo tão íntimo quanto impessoal – o das sensibilidades páticas e o da sintonia afetiva e pré verbal-, que as imagens podem tocar alguém, pelas suas memórias tanto voluntárias quanto involuntárias, com o potencial de revelações e descobertas daquilo que estando perdido no passado e, portanto, esquecido, poderá advir no Agora Já da experiência do Olhar que não se confundiria nunca com o simples ver o que está posto como figuração evidente e material. Assim, “O que vemos e o que nos olha” (1998), título e proposta ético-política de um dos importantes livros de Didi-Huberman, nos alcança possibilidades de depositar naquele que é olhado pelas imagens, ou seja, no sujeito receptor/autor, potências de deslocamentos espaciais e temporais de seu próprio presente que conta, neste tempo kairológico, que também chamaríamos de uma oportunidade/ocasião específica e relampejante, como um limiar de passagem da zona do visível para a do visual. Novas visualidades e paisagens, desprendidas dos espaços-tempos territoriais em que foram criadas apresentam-se em nossa atualidade como zonas liminares de claros-escuros, prenhes que estão dos efeitos de um salto do passado sobre o presente, que embaralha o bom senso e o senso comum perceptivo e afetivo, abrindo horizontes auráticos, imagéticos, impregnados de valores e signos próprios de uma dada época histórica, mas que nos permitiriam outras espacialidades e outras temporalidades afeitas aos vazios, aos silêncios, ao ainda não, ao não mais. Espaço-tempo “fora dos eixos” das cronologias e dos esquadrinhamentos disciplinares, que é, enfim, a imagem que produzimos do que Benjamin denomina de inconsciente ótico. Revelações do inconsciente ótico como criações e criaturas de um dado espaço-tempo, como efeitos, enfim, de percursos entremeados entre terra e nuvens, entre realidade material e sonho, entre o essencial e seus agenciamentos. Uma nova história por vir pela experiência do Olhar como perpassante de outra subjetivação possível, mediada pelo a-moldal, ou seja, pelo pré-verbal, tal como no bebê que ainda não fala de Daniel Stern. Afirmação do arcaísmo pré-verbal e ao mesmo tempo de seu eterno retorno como diferença, sem desejar a quebra do anel com a linguagem, pois seria nesta, em suas diversas manifestações, que residiriam possibilidades de transmissão, com todos os seus equívocos e inacabamentos. Situamo-nos em curso, ou seja, em percurso. Não entendemos termos chegado ao final de nossas considerações sobre a problemática. Os descritores escolhidos impulsionam nossa trajetória, mas não a finalizam. Estamos na expectativa dos efeitos de nosso curso 2017.2 nos que estiverem conosco e sobre nós próprios.

Objetivos:

Os objetivos deste seminário consistem em colocar em análise os conceitos de Leitura, Imagem e Olhar como experiência.

1. Olhar para as imagens a partir de um esforço intencional de interpretar os signos que nelas se impregnam; lê-las como inscritas em uma linguagem específica que não dispensa, entretanto, suas relações com a linguagem verbal.

2. Perscrutar as relações existentes entre espacialidades e temporalidades, fator que vemos como importante procedimento de pesquisa quando se trata de decifrar e interpretar a materialidade do mundo para além do

visível e factual. Aqui, o empírico adquire a qualidade de transcendental, firmando-se nos conceitos de Imanência e Transcendental de Deleuze, e no de Aura, advindo de Walter Benjamin e que se reporta à operação dialetizante do percurso entre os tempos passado e presente.

3. Situar o observador como receptor ativo, movido pelos perceptos e afectos que se desprendem da imagem, sendo provocado a identificar o regime de signos que impregnam as imagens, para fazê-las falar desde o seu nível pré-verbal e ilocutório. Da mesma forma, propiciar que a leitura de imagens, ou seja, sua interpretação, também revele ao receptor algo de si e de seu espaço-tempo, envolvendo sua busca de decifração em sentidos que repercutam não somente sobre a formação de seu espírito estético como contribuam para problematizar o que se chama de verdade nos círculos da vida ordinária, cotidiana de nosso social em comum.

Conteúdos Programáticos:

O que vemos, o que nos olha

Sensibilidade e razão: um problema do olhar interpretante

A linguagem das imagens pensativas: Perceptos, Afectos e Conceitos

O inconsciente ótico e o inconsciente estético

O regime dos signos

Diante da imagem

Passagens do visível ao visual, do visual ao dizível

Metodologia:

O seminário prevê 10 encontros, de frequência semanal, no período de setembro a novembro de 2017. Desenvolver-se-á através de aulas específicas tratando do tema estipulado para cada um dos dias de encontro. Contará com a participação da Profa. Dra. Cláudia Luiza Caimi do Instituto de Letras/UFRGS e do doutorando Felix Rebolledo/PPGPSI/UFRGS.

Avaliação:

1. Frequência, participação em aula e envolvimento com as atividades desenvolvidas ao longo do semestre.
2. Escrita final, como avaliação de maior peso, abordando as temáticas trabalhadas no semestre.

Bibliografia recomendada:

REFERÊNCIAS PRINCIPAIS

ALLOA, Emmanuel (org.) Pensar a imagem. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

AUMONT, Jacques. A Imagem. Campinas, SP: Páris, 2012.

BENJAMIN, Walter. Imagens de pensamento. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio Alvim, 2004.

BENJAMIN, Walter. O intérieur, o rastro; Pintura, Jugendstil, novidade; A fotografia In: Passagens. Org. Willi Bolle. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. O surrealismo: o último instantâneo da inteligência européia e A imagem em Proust; Experiência e pobreza. In: Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. Rua de mão única e Infância em Berlim por volta de 1900. In: Obras escolhidas II. São Paulo, Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: Obras escolhidas III. São Paulo, Brasiliense, 1989.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. Trad. Jeanne Marie Gagnebin e Marcos L. Muller (mimeo)

BUCK-MORSS, Susan. Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das passagens. Trad. Ana Luiza Andrade. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Chapecó/SC: Argos, 2002.

DELEUZE, Gilles. A Imagem-tempo. Cinema II. Trad. Eloisa de Araujo Ribeiro/ Revisão filosófica Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Cascas. Revista Serrote, Instituto Moreira Salles, São Paulo, 2013, n. 13, p. 100.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Diante do Tempo. História da Arte e anacronismo das imagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

_____. Images malgré tout. Paris: Éditions de Minuit, 2010.

_____. A imagem sobrevivente. História da Arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

_____. Diante do tempo. História da Arte e anacronismo das imagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

_____. O que vemos, o que nos olha. São Paulo: Ed. 34, 1998.

DONDIS, , Donis.A. Sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2015

JOLY, Martine. Introdução à análise da Imagem. Campinas, SP: Páris, 2012.

MANGUEL, Alberto. Lendo Imagens. Uma história de amor e ódio. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

NOVAES. Adauto (org.) O Olhar. São Paulo: Cia. Das letras, 1988.

RANCIÈRE, Jacques. O destino das imagens. Rio: Contraponto, 2012.

_____. O inconsciente estético. São Paulo: Ed. 34, 2009.

SAMAIN, Etienne. Como pensam as imagens. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2012.

DROPBOX

<https://www.dropbox.com/home/2016-2%20Arquivo%20e%20Testemunho%20X>